

A GUERRA DOS ESPANHÓIS¹

Eduardo César



O rapaz acorda, veste-se, dois estalos de água na cara para acordar melhor e do corredor vê que a janela da cozinha é um buraco que chupa luz em vez de iluminar. Mas não é esta escuridão o que lhe barra a entrada. Está lá o Pai.

O homem terá dormido para ali, com o trambolho esquerdo a almofadar a cabeça ao lado do fruteiro. Os bofes assobiam-lhe para dentro e para fora e já do corredor cheira ao bafo do vinho fermentado no estômago. Decide, antes sair de bucho vazio a ter de respirar aquele miasma.

Já de buço a dar bigode, canivete, bucha e onça de tabaco no alforje, o rapaz, português de peito cheio e quase chefe de família, sai cada manhã para

(1) Feito quando era adolescente, baseado nas histórias que o avô lhe contava.

trabalhar na fábrica do tomate nuns arrabaldes fora da cidade e não precisa deste Pai, que não vale nem um daqueles porcos que os carneiros enterram, por haver porcos a mais, e depois os ciganos vão desenterrar.

Porém, não consegue sair sem que o Pai desperte, presentindo a presença dele. Agita no ar o garrafão de vinho, a mostrar que está quase vazio, e murmura de boca contra a mesa da cozinha:

– Já sabes como é. Vinho.

O rapaz finge ignorá-lo. Abre a porta e assim transita da casa escura para o dia claro.

O dia começa fresco, de céu limpo. Daqui a umas horas, estão quarenta graus de torrina.

A mãe sai-lhe no encaço, ainda em camisa de dormir e marcas de pisado nos braços. Põe-lhe uma laranja no alforge, alisa-lhe a onda de cabelo que teima sempre em empinar, por mais água que se passe. Só então o rapaz descerra os punhos. Acaricia os cabelos da pequena mulher e beija-lhe a testa. Quisera fazer mais, mas não soube o quê. Uma pena que os homens não chorem porque a mãe merece que chorem. Em vez disso, pergunta:

– Precisa que lhe traga alguma coisa, mãe? E a pequena mãe aponta com o queixo na direcção da casa, para o Pai sem vinho lá dentro. O rapaz não responde.

Enrola um cigarro, acende-o, beija outra vez a testa da mãe, em despedida, e põe-se a subir pela Rua dos Açougues, de certeza a mais íngreme do mundo. De Elvas sim e provavelmente portuguesa também; e o esforço de a subir culmina na Praça D. Sancho II, e assim que a curvatura o permite, os sons da praça chegam aos ouvidos do rapaz e são o exacto oposto do silêncio.

A mesma azáfama de carroças, ceifeiras, burros, gritaria dos feirantes, e as mesmas tertúlias de espanhóis que conseguiram cruzar a fronteira pela ponte do Caia, aqui a dez quilómetros, a última fronteira entre Portugal e a desgraça espanhola.

O assunto do dia é a confirmação de que Badajoz foi finalmente tomada pelos falangistas chegados do Sul, com o Senhor Tenente-Coronel Yagüe, que garantiu ao General Franco que nada o pararia, à cabeça de um exército de pretos. E ainda mais ansiosos por notícias andam os espanhóis.

Comentam a obstinada resistência dos republicanos a defender Badajoz. Para quê? E perguntam-se se já será seguro voltarem. *¡Aquí no hay rojos!* Depois, alguém com notícias.

Os trimotores do senhor Yagüe reduziram a cinzas o Tetro Lopez de Ayala e o Hospital. E o que é espantoso é que esta notícia, que já anda a correr há meses, ainda é capaz de despertar os prantos aflitos de uma espanhola.

Se calhar o teatro e o hospital foram mesmo reduzidos a cinzas, a julgar pelo espectáculo nocturno com que a população de Elvas se tem deliciado desde a muralha junto ao Quartel Miliar, com vista aberta para Badajoz.

Os aviões e a artilharia do Sr. Yagüe a castigarem da capital da Extremadura espanhola. As luzes dos rebentamentos. Os assobios dos aviões. Grandioso! Só que o rapaz leva pressa, estes prantos e rumores não são novidade, daqui a pouco tem que pegar ao serviço na fábrica e ainda é preciso parar diante da Sé e benzer-se.

Dá sorte uma pessoa benzer-se diante da maior igreja do mundo.

Fura pelo meio de toda esta gente, pensando que Deus Nosso Senhor entrará por aquela porta sem ter de se agachar nem nada, e acaba por dar um encontrão numa de duas velhas que esperavam poder falar com o Padre para irem darem de comer aos pobrezinhos refugiados junto à ponte do Caia. Uma laranja e um chouriço toda a gente dispensa, que aquilo já devem comer ervas do chão. Depois o encontrão.

O rapaz desculpa-se, a velha chama-lhe velhaco; e quando o rapaz volta-se outra vez, quase esbarra com o senhor Padre de conversa com o Chefe da Guarda.

Não teria ficado a ouvir, se não os tivesse ouvido referir a Catalã das Laranjeiras. Toda a gente aqui sabe quem ela é: a espanhola da vida que ataca no Jardim das Laranjeiras, abaixo da Porta de Évora. Não sabendo ninguém como se chama, ficou Catalã das Laranjeiras. Talvez nem seja catalã, porém os nomes caem nas pessoas assim mesmo.

Este rapaz também se chama Tó do Joaquim, sendo filho do Joaquim-porco que há dias ameaçava mandar a mãe com fazer companhia à dita catalã.

– A ver se aprende alguma coisa, que assim já não levanta ninguém. – dizia o porco.

Se Deus quiser, a Catalã será o último galho a trepar por este rapaz, para se tornar definitivamente português-homem e chefe de família.

Esse é o plano que tem andado a magicar, amealhando cada tostão. Falta-lhe resolver um derradeiro problema: saber com que palavras uma pessoa explica a uma mulher que se quer servir dela. Por isso para sempre que ouve referirem-na. Pode ser que escorra alguma informação útil. A espanhola não há-de esperar eternamente por ele, que a eternidade é coisa de Deus. E mesmo duvidando que a conversa de um padre faculte alguma informação, a esperança é dura de morrer, geralmente fica para último e faz procurar salvação em todos os recantos.

– O filho do Sr. Machado está de núpcias. Ouve o Senhor Padre dizer, referindo-se ao filho do patrão da fábrica de tomate – Com guerra ou sem guerra, aqui em Portugal as pessoas casam-se. E como sabe, a cerimónia realiza-se aqui na Sé. Isso significa que o cortejo que vem da Quinta do Bispo entra na cidade pela Porta de Évora. Por isso é preciso resolver a questão da Catalã.

– Resolver a questão da Catalã? – surpreende-se o Chefe. – Não sabia que a Catalã fosse uma...

– A Catalã é uma mancha, Sr. Ramiro, atalha o Senhor Padre. A cidade inteira a querer solenizar-se e temos uma rameira comunista por aí à solta.

– Comunista?! – exclama o Chefe. – Isso é um disparate. Pode lá uma tresloucada daquelas!

– Os comunistas são por definição loucos e é só ouvir as cantorias dela. – diz o Senhor Padre – Por isso, é favor entregarem-na na fronteira.

O chefe tira a boina e coça a cabeça.

– O Senhor Padre sabe o que acontece aos espanhóis que entregamos na fronteira...

– Sim, diz que são fuzilados, diz o Senhor Padre, encolhendo os ombros na tristeza do irremediável. Mas talvez assim se lhe possa salvar a alma. A ela, e aos guardas aqui de Elvas. Andam por aí todos de braguilha aberta, a cheirar a laranjas. – E aponta com o queixo para a braguilha aberta do próprio Chefe, que fica corado. Sim, nesta cidade é sempre sábado. Toda a gente cheira a laranjas! Deus dá laranjas e a gente faz laranjada. E apercebendo-se de que o Chefe se volta para a porta da igreja para dissimular que abotoa a braguilha, acrescenta: Sim senhor, de cara para Deus é que uma pessoa abotoa a braguilha.

A conversa interrompe-se aqui, porém, e se alguma informação de utilidade obtém o rapaz, é a da necessidade de se apressar.

Entra na praça o Phantom do Senhor Machado, um carro novinho em folha, a buzinar para abrir caminho e deixar toda a gente a pasmar. Uma aparição de fazer inveja aos lá de Fátima e que deixa o rapaz hirto, em sentido.

– Deixe lá... – ainda diz o Padre. Em Campo Maior há guardas de braguilha fechada.

Isto já o rapaz já não ouve. Largara a correr para chegar à fábrica antes do carro e em menos de nada está a sair disparado pela Porta de Évora rumo aos arrabaldes. Ignora o fosso das muralhas, o Jardim das Laranjeiras, a barbicha verde da Porta.

No fundo, a muralha que protege Elvas serve para que aqui só entre quem Elvas quer. Na voz do Senhor Padre, a cidade não quer a catalã cá dentro. Já na mente do rapaz, na frenética corrida, vai que não a podem levar antes de que ele se sirva dela.

Bastam mais dois minutos de corrida até à fábrica. Antes do Phantom! No recinto, porém, está toda a gente cá fora. O portão fechado do barracão não deixa ninguém entrar para pegar ao trabalho e o Arlindo, o capataz, sobe a um palanque improvisado com um caixote. O patrão quer falar, diz.

Enquanto o patrão chega e não chega, os sussurros dizem que dali coisa boa não vem.

O Patrão nunca fala. Uma pessoa só o vê passar e tira a boina.

– Cá para mim isto fecha. Voltamos para a torrina do trigo.

– Não, isto é coisa com as núpcias.

Até que a multidão começa a abrir espaço.

O Phantom entra no recinto, estaciona, o motorista abre a porta de trás e toda a gente tira a boina para ver o patrão tomar o lugar do Arlindo. Tem voz grossa de gente importante.

Anuncia que o filho está de núpcias e, porque não? Vai dar folga a toda a gente, além de uma pequena lembrança.

– Ouvindo chamar o nome, vão ali ter com o Arlindo que ele sabe.

Até parece que o dia ficou mais claro. Toda a gente a dar vivas e quem adivinhou bem a dar cotoveladas a quem adivinhou mal.

– Vamos lá ao Arlindo ver o que sai na rifa.

Uma enxada nova a uns, uma panela a outras, um boné a outros. Ao rapaz, porém, toca uma bolsinha de prata.

O depósito da relíquia é um debruado de fios cujo peso cai na palma aberta do rapaz com a delicadeza de um bicho-de-conta. E no fecho, ao cimo, está o carimbo a certificar que se trata de prata. Mal a recebe, o rapaz encerra o punho e larga a correr, não vá o patrão achar que é demasiado, que isto é prenda de senhor e que se enganou.

Nem pensa que em dias de folga, coisa de quando caem santos, ninguém recebe. Corre ladeira acima de regresso à cidade, na ideia de mostrar a bolsinha à mãe, radiante, orgulhoso, usando as pedras que encontra pelo caminho como trampolim para saltar ainda mais alto, e para de correr a meio caminho, junto à Porta de Évora. Não por cansaço.

Abre a mão, para olhar outra vez, e desculpa-se para com a bolsinha.

A prata que se calhar não gosta de estar encerrada. O suor faz-lhe mal. E dá-lhe um beijo, pensando que o melhor é deixá-la apanhar sol. Nem sequer a água num dia de sede brilha tão bem, e nem pensar em guardar moedas aqui. Esta bolsinha nunca há-de ter utilidade. As coisas belas só servem para ser belas. Se uma pessoa as utiliza, começam logo a estragar-se. Só que depois volta a encerrar o punho na rapidez de um susto.

Uma voz em português mal falado pergunta-lhe:

– *¿Qué es eso?*

– Isto não é nada da tua conta – responde e começa a afastar-se.

– *Déjame ver* – insiste a voz e o rapaz, também a querer mostrar, amolece.

– Mas ficas aí! – e a andrajosa Catalã, que é como uma oliveirinha desgrenhada que nem cresceu para ser mais alta que o rapaz, de saco de serapilheira a servir de saia, fica a dois passos de distância mas abre muito os olhos quando o rapaz volta a abrir a mão.

– Com esta bolsa pagava-te toda e ainda sobrava – diz, o que depois o deixa embaraçado. Porém, ela não reage, o que diz, que talvez não tenha entendido.

– *¿Quieres una naranja?* – pergunta-lhe. O rapaz lembra-se da fome.

A barriga ainda não recebeu mais que cigarros e já andou em correrias.

– *¿Puedo verla otra vez?*

O rapaz mostra-lha e agora não se retrai quando a espanhola se aproxima um passo e assim sente o famoso cheiro a laranjas que ela usa como perfume.

– *Hace mucho no veo una cosa tan bonita.* Depois diz: *ven conmigo.*

Dá o passo que sobrava, pega-lhe na mão, alegre, a cantarolar, e descem juntos ao jardim, com o rapaz pensando em laranjas e ela em coisas bonitas. Daí dizer-lhe que se porá em cima dele se puder olhar mais uma vez. Quando era nova, tinha uma igual.

– Igual não – protesta o rapaz e ela concorda, que igual não, mas parecida.

– *¿Ya terminaste la naranja?* – pergunta mais tarde a espanhola e ele sente-se paralisar, atoucado debaixo da ponte, com medo que o vejam, juntos aos pertences da espanhola, uma trouxa e uma manta. Mas como depois ele diz que sim, ela diz:

– *¿Enséñame!*

Ela mostra-lhe a bolsinha.

– *Vale.* – diz a Catalã radiante. – *¿Échate en las hierbas!*

Ele treme, mas acima de tudo é bem-mandado. E desassombrada, a espanhola baixa-lhe as calças e assobia.

– *¿No pasa nada!*

Arregaça depois a saia-serapilheira para cima e assim vê o rapaz pela primeira vez uma rata, felpuda, temerosa, com restos de erva emaranhados na penugem. Mas não deixa de ser uma desilusão quando ela o agarra com a mão direita e o põe lá dentro.

As partes entram pela felpuda e assim submergem num calor resvaladiço, com alguns arranjos de terra. Como se submergisse a pila em água aquecida.

Ele imaginara que uma rata fosse trinta vezes melhor no prazer; que pelo menos apertasse trinta vezes melhor que uma pívica e não apertava. Por isso, quis dizer à espanhola que parasse com aquilo. Ele mesmo tratava do assunto. Só que a espanhola mexe as ancas e há uma impressão de calor que irradia das partes para todo o lado; e quando a espanhola se apoia no peito dele e abana mais as ancas, o peso da mão dela é feita do mesmo calor.

O que antes era pouco, passa pouco a pouco a ser quase demasiado; e para ela não lhe ler nos olhos a alma surpreendida, o rapaz desvia o olhar para o sol que atravessa a grossa folhagem das laranjeiras.

O dia já vai sendo quente e a contraluz faz luzir uma auréola de farrapos de cabelos da que está em cima dele. E como já não pensa na própria mão que couraça a bolsinha, a mão descontrai-se e deixa que algumas ervas se infiltrem por entre os dedos e cheguem à prata.

Num espasmo, a espanhola cai de repente em cima dele. Dá mais vigor às ancas e sussurra-lhe:

– *No te preocupes, mi niño. Yo te protejo. No nos pasará nada. A nosotros, nadie nos pilla.* –, e as palavras são pontuadas por mordiscos na orelha do rapaz, com o movimento das ancas a tornar-se mais intenso e com o cheiro a laranjas a ser absoluto.

O corpo todo quente. A torrina já mais construída do sol lá em cima e o calor do corpo da Catalã, que lhe agarra numa das mãos e a traz tropegamente para o seio direito, obrigando-o a esfregar-lhe o seio. Mas de repente, tudo se entorna, deixando tudo a meio.

Vêm passos mastigar a terra do jardim, ouve-se um assobio masculino e depois a exclamação:

– Belo serviço!

A espanhola assusta-se e salta de cima dele. Lesta, aproxima-se do grupo de guardas que os rodeia e começa a sarambadear-se à frente deles, agarrando a serapilheira para lhes mostrar-se a rata a eles. Os guardas assobiam, só que um diz:

– Andor connosco!

Ela tenta então fugir, mas de balde. É agarrada sem dificuldade e em menos de nada, ela e o rapaz bem-mandado estão enjaulados nas traseiras encaipotadas de uma carrinha da guarda.

A tumidez que sobra ao rapaz alimenta o escárnio dos guardas que vão atrás. A espanhola, de olhar em baixo, cantarola:

– *Si me quieres escribir, / Ya sabes mi paradero, / En el frente de Gandesa, / Primera línea de fuego.*

Debaixo da serapilheira, a rata espalha aquele calor resvaladiço pelo banco de metal, que seguramente não se interessa nada por ratas. Ela, altiva na intransigência da loucura, sussurra ao rapaz:

– *No te preocupes, mi niño.*

Em meio dos solavancos da carrinha, um dos guardas pensa que é melhor calarem a espanhola, não os vão confundir com comunistas. Sem perguntar, dá-lhe uma coronhada no rosto, ao que a espanhola responde gritando:

– ¡Cerdo fascista de mierda!

Assanha-se e agarra-se ao rapaz a protegê-lo:

– *No te preocupes, mi niño.*

Assustado, o rapaz empurra para se desprender dela, mas são os guardas quem os separa. Para a dominarem, acertam-lhe com mais duas coronhadas que a deixam meio sem sentidos, a sangrar do sobrolho, o que dá ensejo ao rapaz para esconder a bolsinha de prata no sapato. E como o tempo gosta de se despachar nas coisas em que devia ser lento, a viagem até à fronteira do Caia não dura nada.

Saem da carrinha portuguesa e fica um guarda português a guardá-los, a catalã cantarolando e o rapaz a olhar para o chão, enquanto outro, o sargento, vai falar com o *carabineiro* espanhol.

Diz-lhe que a puta é para cair, mas o rapaz só para assistir, a ver se aprende. O *carabineiro* espanhol ri-se do pedido do português.

– *¡Esto es jugar con el fuego, mi hermano!* – diz-lhe o espanhol. – *¿No sabes cómo está Badajoz? El chico entra en la plaza de toros y ya no saldrá. Te lo garantizo.*

Porém, aproxima-se outro carabineiro espanhol.

– *Bueno, a lo mejor el amigo portugués quiere comprarnos algo...* – diz.

Em menos de nada, estende-lhe à frente uma banca improvisada, desenrolando uma trouxa, e dela constam relógios de bolso, fotografias amachucadas e colheres de prata. Acrescenta:

– *¡Todo comunista! Lo encontramos ayer.*

– *¿Encontrado?* – pergunta o sargento português, num espanhol arranhado.

– *Bueno,* – responde o carabineiro – *Lo tomamos prestado a unas casas que ya no lo necesitaban.* – Faz uma pausa. – *Hagamos algo: tú me compras algo a mí, y yo me encargo de que el chico entre en la plaza, aprenda su lección, y vuelva a salir.*

– *¡Pero tú estás loco, o qué!* – diz o carabineiro anterior. – *Yagüe sigue en la ciudad.*

– *Si, pero ya se marcha. ¿Qué le importa lo que ocurre en la plaza de toros?* – assegura o segundo; e antes que o colega carabineiro possa argumentar, diz ao português: – *Mira: ¿Lo quieres o no? Te hago un buen precio, y me encargo yo, personalmente, de tu chico. Tu vienes si quieres, pero solo tú. Tus guardias esperan aquí.*

Quando os outros *carabineiros* se apercebem que o português acede a comprar alguns daqueles despojos, rodeiam-no e tentam vender-lhe mais coisas. Alguém lhe pergunta:

– *Oye, no sabrás como se hace uno piloto de aviones, ¿no?* – O sargento português, rodeado por *carabineiros* a querer vender-lhe coisas, responde com um sorriso tonto e desnortado. A mesma voz acrescenta: – *Bah, ¿qué vas a saber tu!*

Volta-se para outros companheiros e o sargento ainda o ouve comentar:

– *¡Es increíble la puntería! ¡El avión metió cuatro bombas en la sala de oficiales el Menacho!*

– *Tío, ¡cállate ya con esa mierda!*

E o carabineiro com quem o sargento negociara a entrada em Badajoz aproveita a confusão que se segue, com carabineiros a largar as armas no chão, a arregaçar as mangas e a querer bater-se.

À pressa, mete a Catalã e o rapaz nas traseiras de uma carinha espanhola, mais ou menos igual à portuguesa, e indigita dois companheiros que sigam nas traseiras com eles. A ignição roda, a carrinha começa a afastar-se aos solavancos rumo a Badajoz, e o rapaz ainda assiste pela aberta da capota nas traseiras ao pugilato que se segue.

Os dois *carabineiros* que os guardam já se vão entretendo com a Catalã. Primeiro timidamente, depois mais afoitos, metem-lhe as mãos na rata e começam a dizer-lhe que vai morrer, comunista de mierda. Ela não luta.

– *Si me quieres escribir...* – vai cantarolando, mas é notório que aquelas mãos a distraem.

Apenas consegue repetir o primeiro verso, sem se lembrar do que vem depois, e o rapaz quer ajudá-la. Tem vontade de lhe assobiar a melodia, mas tem medo de o fazer. A meio disto, a Catalã olha para o rapaz, pisca-lhe o olho e murmura:

– *Mi niño, cierra los ojos.*

Os olhos dela assustam-no e da cabine do condutor, ouve-se:

– ¡Chicos! Dejad algo para mí, ¿eh?

A carrinha volta a parar, agora na Porta de Palma à entrada para Badajoz. É uma paragem breve e quando volta a arrancar, o rapaz distrai-se a ver pela aberta das traseiras como se afasta o entreposto militar onde dois pretos fardados começam a fazer outras coisas.

Era a primeira vez que vê um preto. E o restrito campo de visão vai-se transformando.

Avista ruínas que o impressionam pouco. Em Elvas caem muros constantemente e também ficam assim. A diferença é que aqui caíram muitos. E que se afastam no enquadramento.

Custa-lhe associar o espetáculo de luzes a que assistiu há umas noites com estes muros caídos. Às vezes cheira a porco queimado, mas a baforada vem e depois vai. Afasta-se. Tudo se afasta.

A primeira coisa que realmente estranha é a uma velha de luto, com uma braçadeira branca, a varrer a entrada de um edifício de que sobra apenas a fachada. Que se afasta. Depois, um Senhor Padre muito alegre, atravessando a assobiar uma estrada cheia de entulho com a mesma braçadeira branca. No passeio a que se dirige há uma cratera de bomba, mas ambas coisas se afastam. E depois aparecem grupos de pessoas, todos de braçadeira branca.

Aquilo deve significar alguma coisa. Mas tudo se afasta. Tudo se perde na distância.

Uns grupos de soldados a retirar tijelas de sopa de um caldeirão. Mais ruínas que o intenso sol torna brancas, capazes de encandear um cego, o mesmo sol que faz do interior da capota uma estufa. Depois uma rua cheira de veículos militares estacionados e uma grande azáfama de soldados e ouvir o *carabineiro*-condutor a explicar ao português que Yague já está de partida. Diz que para Mérida. Mas tudo se afasta.

Nas traseiras, os dois *carabineiros* já se cansaram de aborrecer a Catalã, que agora está num estado esgazeado, murmurando uma canção qualquer, outra, de olhos perdidos nalgum ponto inconcreto da parede de capota que se opõe a ela. Isto faz com que o rapaz se sinta tranquilo. Já não se sente ameaçado pela maluca. Até que se ouve um tiro ao longe.

Os dois carabineiros sorriem. Ouve-se outros e os carabineiros reagem em coro:

– ¡Olé! –, e assim reagem a cada novo tiro.

– *Así se resuelve el asunto.*

Curvam à direita, e de repente a carrinha começa a acelerar.

– *Chicos, dále al rojo!*

Pouco depois a carrinha sofre um forte solavanco.

– *Es un juego* – explica o *carabineiro*-condutor ao português.

E quando o enquadramento das traseiras mostra o que aconteceu, que a carrinha atropelou propositadamente um cadáver, o rapaz fica maldisposto. Tantos solavancos, pensa.

É a primeira vez que entra em Badajoz e fica maldisposto, que é uma daquelas memórias que dura para sempre. Mas já não demora até que cheguem à praça de touros.

Passam a arcada do portão, depois de mais um controlo de pretos fardados, e carrinha avança pela arena até estacionar; e quando os dois carabineiros saltam da carrinha e depois os retiram, o rapaz desengana-se.

Pensara que um pouco de ar fresco o salvaria do vômito mas bastou pisar a arena, com a bolsinha de prata a magoá-lo no calcanhar, e inspirar uma lufada de um certo cheiro nauseabundo para demonstrar o erro de julgamento. Não saberia descrevê-lo, e também não consegue segurar o estômago, o que desperta um coro de risos ao longe.

– *¡Es de los que vomitan!* – ouve.

Olha em volta. Avista as bancadas da praça vazias. Depois a tira vermelha do burdalero, a parede de dois metros que contorna a arena para que nem o touro suba à bancada, nem os aficionados desçam. Avista dois *monosabios* pacientemente penteando a arena, como quem varre uma rua, para ocultar uma poça de sangue. Há um objecto no chão do qual não querem aproximar-se, uma bomba que por capricho não rebentou. Avista a porta do *chiquero*, de onde numa tarde de tourada sairia o touro a toda a ferocidade, mas de onde agora parecem exsudar vozes humanas, outras que não as difusas do grupo de soldados, fardados de maneira diferente dos carabineiros, que fumam cigarros à sombra, um pouco mais para o lado, encostados ao *burdalero*. Nestas terras, só os parvos e os que não têm outros remédios é que andam ao sol.

O *carabineiro*-condutor dirige-se ao grupo de soldados fumadores e o rapaz avista o sargento português, tão lívido como a cal que a mãe usa para caiar as paredes da casa. A viagem também não lhe terá assentado bem, pensa o rapaz. Porém, é distraído por uma nova altercação.

Um dos soldados fumadores grita ao *carabineiro*:

– *¡Aquí caen todos! Yo estuve en la frente. ¿Qué hiciste tú? ¿Guardar la fronteira? ¡Tú eres un cobarde de mierda! ¡En cuanto nos sentiste venir, traicionaste a tus compañeros y te fuiste al otro bando! ¡Me vas a decir tú a quien apunto mi rifle? Es que a lo mejor... ¿Sabes qué? Enséñame tu hombro, cabrón de mierda. Esto te parece un juego, ¿verdad? Pues a ver si tienes la marca.*

O tom de voz do soldado assume modos de discurso, para que os outros fumadores o oiçam.

– *¿Quién nos garantiza que no eres un rojo de mierda?*

Mas não chega a verificar se o *carabineiro* tem marca de pisado no ombro, feita pelo recuo da coronha quando dispara a carabina, prova suficiente nestes dias para mandar um comunista dançar à frente do pelotão de fuzilamento. Dá a ordem:

– *Los dos que salieron de la furgoneta, o como se llame esa mierda, ahí listos. ¡Presentar armas! ¡Aquí caen los dos!*

A Catalã, ao lado do rapaz, dá-lhe a mão e sorri.

– *Duerme, mi niño. Shhh...*

O soldado dos gritos avança dois passos na direção dos condenados e agita a mão no ar. Atrás dele, o pelotão alinha-se, puxa a culatra das carabinas atrás e o soldado dos gritos faz um compasso de espera.

O Sol do meio-dia já é tremendo e o soldado tira a boina, já sonhando com o momento de poder voltar à sombra. Limpa a testa à manga da farda, larga o estopo do cuspinho e diz aos condenados:

– *No vale la pena daros la última palabra, ¿verdad? Solo vais a decir mierda.*

Ao rapaz, a iminência da morte diz pouco. Tem mais medo da Catalã. Na cabeça dele, não vai acontecer nada. O espanhol muda de ideias e voltam todos para Elvas, ele para mostrar a bolsinha de prata à mãe e a Catalã para deixar os guardas de Elvas de braguilha aberta. E o que acontece depois é que,

em vez de dispararem as carabinas, entra um homem alto na arena, que deixa todos os outros em sentido, até mesmo o sargento português.

Entra aos gritos:

– *¡Qué mierda es ésta!* – Alguém na fronteira avisou Yagüe que há portugueses na praça de touros e aí estava ele, em pessoa, para salva a vida do rapaz. – *¿No sabéis que andan periodistas portugueses por ahí? ¿Es que sois imbéciles? Si en Portugal se sabe que aquí fusilamos niños, se va la campaña a la mierda! Más aún niños portugueses. ¿Quién eres tú?*



Interior de la plaza de toros de Badajoz. Agosto, 1936
(Foto: <http://armhex.blogspot.com/>)

O soldado, que antes tinha tanta vontade de gritar, engasga-se e apresenta-se muito hirtto ao Tenente-Coronel, que em seguida pergunta:

– *Y ¿quién es la puta comunista?*

A pergunta é óbvia, havendo apenas um rapaz e uma mulher. Ainda assim, Yagüe espera que a identifiquem e ordena que a prendam junto com os outros no *chiqueiro*. Em seguida, dirige-se ao sargento português. Diz-lhe:

– *Chico, ¿cómo te llamas?*

O sargento português tenta apresentar-se, mas vomita a meio do nome.

– *Oh, Dios mío...* – diz Yagüe, meneando a cabeça. – *Mira, el carabiniero te va a llevar a la frontera, y tú aquí no has visto nada, vale? Y no vas a hablar con reporteros, que esos solo dicen mentiras.*

– *Sí, señor* – responde o português, limpando a boca à manga da camisa.

Atabalhoadamente, agarra o rapaz pela manga e com o carabineiro, entra no banco da frente. É ele mesmo quem conduz ao longo de uma viagem de completo silêncio; e prova de que nem o condutor olha ao caminho é terem metido uma roda numa cratera. Acorre uma multidão de homens de braçadeira branca. Em menos de nada, cruzam a Porta de Palma, sem que ninguém os pare desta vez, e alcançam a fronteira do Caia.

Os guardas portugueses estão carregados de quinquilharias compradas aos carabineiros espanhóis. Felizes, entram na carrinha portuguesa. Estranham o silêncio do sargento, mas também sabem que se trata de um homem de humores que às vezes não diz nada.

Descarregam o rapaz de volta na Porta de Évora. As últimas palavras do sargento:

– Esquece isto, rapaz.

Antes de a carrinha arranque, o rapaz olha para baixo, para o Jardim das Laranjeiras onde já não está a Catalã. Alguém há-de fazer uso da trouxa dela. O que não falta em Elvas é gente a precisar de trouxa. Ele serviu-se mais ou menos dela. Um dia mais tarde há-de conhecer o remate.

Entra na cidade e a cidade está deserta. O calor não deixa ninguém sair de sair. Só os parvos e quem não tem outro remédio. E depois fez como o sargento sugeriu. Esquece.

Só volta a pensar no episódio muito mais tarde, em Lisboa onde vem visitar o filho. O rapaz está prestes a ser avô.

Olha-se numa vitrine e repuxa o cabelo empastado de gel para trás. Depois, quando passa por um quiosque, retira umas moedas da profanada, velha bolsinha de prata para pagar o Correio da Manhã e passa os olhos pelas vergonhas que a revolução trouxe, as revistas pornográficas, à mostra de toda a gente, as raparigas de pernas ao léu, o que o levou a pensar na gatunagem que por aí anda. Finalmente, os olhos caem na fotografia do homem que lhe salvou a vida.

Uma revista dedica um artigo a Yagüe, o carnicheiro de Badajoz, e o rapaz pensa que sim, agora toda a gente fala e é fácil insultarem um homem daqueles. Quando ele estava vivo, ninguém abria o bico. Agora são todos muito valentes.

Os pensamentos levam-nos a pensar na mãe que, enlouquecida e cobardemente se enforcou, cujo rosto só com muito esforço a memória recupera. Depois no Pai no lar de terceira idade em Elvas, que passa os dias a louvar a podre mulher, a dizer que era um anjo, uma santa. Pobre Pai. Como pode ainda amar uma mulher daquelas?